

**Caravana Agroecológica e Cultural no Estado do Rio de Janeiro, de 24 a 28 de novembro de 2015: por que saber se alimentar é um ato político? O Almoço agroecológico em Casimiro de Abreu – RJ.**

Alexandre Gollo

Jaime Lima Franch

Simone Dutra Motta

No processo de organização e de fortalecimento de uma rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica, em diálogo com as redes regionais de Articulação de Agroecologia, através de uma das ações programadas no Projeto Comboio Sudeste (MDA/CNPQ) realizou-se, de 24 a 28 de novembro de 2015, a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, que culminou com um degustativo ato público: um almoço agroecológico, na praça central de Casimiro de Abreu-RJ.

As Caravanas são momentos de troca e de articulação que reúnem estudantes, pesquisadores/as, professores/as, técnicos/as, agricultores /as, gestores públicos e demais interlocutores envolvidos na construção da agroecologia.

A agroecologia aqui é compreendida como ciência, prática e movimento. Trata-se da produção de alimentos justos e saudáveis, livres dos venenos, sementes transgênicas e adubos químicos, mas não só! A agroecologia também é expressão da diversidade de formas culturais, envolve o cuidado com a saúde, com as formas de comercialização e com todo o ambiente.

Caderno do Participante da Caravana Agroecológica do RJ, 2015.

Neste artigo registramos e sistematizamos informações sobre a vivência na organização deste “ponto de culminância” de um coletivo de mobilizações, que gradativamente vem ganhando reconhecimento e compreensão dos setores das sociedades civil, científica e política, que se interpelam frente aos padrões culturais e econômicos, que deram causa à necessidade de afirmar a alternativa agroecológica e a existência de uma realidade que jamais deveria ter sido negligenciada: existe agricultura no Estado do Rio de Janeiro. Existe, Resiste e Alimenta!

**Em quais circunstâncias se justifica a formalização de uma denúncia?**

Um dos fatores determinantes na idealização do almoço agroecológico, como manifestação pública, na abertura de oportunidade de diálogo entre agricultores familiares organizados e a sociedade consumidora de alimentos, foi a análise, a reflexão, sobre as tentativas anteriores de comunicação com a sociedade, na sucessão de atos públicos em que o Movimento Agroecológico vem tentando alertar cidadãos e autoridades sobre a urgência de mudança nas referências e nos valores que conformam os massificados sistemas agroalimentares, desde suas lógicas no aporte de substratos para a produção, até o consumo de alimentos nas cidades.

Qual seria a melhor forma de dialogar com cidadãs e cidadãos, geralmente influenciados, manipulados, ou mesmo absorvidos, pelas propagandas dos interesses que se nutrem das relações comerciais, das prestações de serviços e/ou da dinâmica industrial, que se encontram instaladas, vigentes e dominantes nos sistemas agroalimentares vivenciados em nossa sociedade?

Como alertá-los de que, ao buscarem a rotina de suas alimentações – seja nas prateleiras dos supermercados, nas feiras abastecidas por comércios atacadistas ou nas mesas de restaurantes – estes se deparam com ocultas e subjugadas relações sociais, econômicas e culturais?

O alerta é sobre uma postura implacável de artificialização de ambientes, dominados pelas lógicas da minimização dos tempos produtivos, da maximização dos lucros, da instantaneização dos preparos das substâncias calóricas, numa síndrome pseudoalimentar que alcança a alma dos sistemas de formação do pensamento, desde o momento em que se financiam pesquisas, até a regularização administrativa das patentes e dos processos de obtenção dos selos de inspeção de alimentos, na consolidada ideologia da industrialização, da artificialização, singularmente ministrada e assimilada na formação acadêmica de inúmeras classes de profissionais.

Em um período de 20 anos o apoio público à agricultura familiar em Casimiro de Abreu atravessou os limiares de “não apoio”, opção pelo apoio em transição agroecológica e abandono, seguido de negação, a essa linha de fomento sócio cultural de produção. Os índices de uso de agrotóxicos e os registros de intoxicação de agricultores familiares, inclusive com óbitos, elevaram-se substancialmente no município nos últimos quatro anos, uma conjuntura fortemente denunciada pelo Grupo de Trabalho local sobre impactos do uso de agrotóxicos nos trabalhadores rurais e no ambiente, filiado ao Fórum Estadual de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos no Estado do Rio de Janeiro. Essa realidade somou para a escolha do Município Casimiro de Abreu sediar a culminância da Caravana Agroecológica de 2015.

A proposta de realizar um almoço agroecológico como “Ato público” na culminância da Caravana, com os referidos fundamentos e intenções de diálogo, foi sendo amadurecida na organização do evento, ao longo de suas reuniões preparatórias em Casimiro de Abreu, fomentada pelos interlocutores da Articulação Serra-Mar de Agroecologia e pelo GT de estudos dos Impactos dos agrotóxicos, refletindo um interesse regional anterior em experimentar esse método de mobilização – envolver distintas Associações de agricultores na oferta de refeições agroecológicas servindo-se, na verdade, de oportunidades de divulgação de suas produções, a gerar interesse por visitas a seus estabelecimentos, de gerar reconhecimento de suas existências, na afirmação de novas práticas de relações solidárias de produção e de consumo.

|  |  |
| --- | --- |
| http://www.casimirodeabreu.rj.gov.br/turismo/images/mapa.jpg [www.casimirodeabreu.rj.gov.br](http://www.casimirodeabreu.rj.gov.br/turismo.html)[563 × 342](https://www.google.com.br/search?tbs=simg%3Am00&tbnid=2LbHZt-g4OYhlM%3A&docid=DMoWu0OFD8dXMM&bih=657&biw=1024&tbm=isch)[Pesquisa por imagem](https://www.google.com.br/search?tbs=sbi%3Acs&tbnid=2LbHZt-g4OYhlM%3A&docid=DMoWu0OFD8dXMM&bih=657&biw=1024&ved=0ahUKEwj25tOLn6zMAhXJIZAKHfNJAJ4QiBwICQ) | Da “Terra do Poeta” ao *Podium* no uso de agrotóxicosCasimiro de Abreu situa-se na chamada região das “Baixadas Litorâneas”, no Rio de Janeiro. Influenciada pela intercessão de três domínios fisiográficos estudados por Alberto Ribeiro Lamego (1946-1950): “O Homem e a Serra”, “O Homem e a Restinga”; “O Homem e o Brejo”.\_“Dos rios Guaxindiba ao Una, do Macaé aos Búzios, nessa região da Costa fluminense”, Lamego reconhece “quatro variedades geomórficas resultantes do recuo do mar pelo mecanismo das restingas: a enseada, a laguna, o pantanal e a planície”. (Lamego, 2007b, p. 4). (...) Para a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro – AARJ, este é o território da Articulação Serra-Mar de Agroecologia.Caderno do Participante da Caravana Agroecológica do RJ, 2015. |

**A (Re)Articulação de Agroecologia Serra-Mar**

Com o fim de ciclos de projetos de extensão realizados por diferentes entidades componentes da Articulação de Agroecologia Serra-Mar-AASM, apesar da permanência de algumas atuações locais, a dinâmica de encontros regionais e sequencia nas atividades de formação encontrava-se bastante afetada em 2014/2015, inclusive com divergências sobre os procedimentos na busca por novos projetos. A chegada da demanda pela realização da Culminância da Caravana Agroecológica e Cultural em Casimiro foi recebida como um desafio a mais, a somar-se à pauta de re-articulação das entidades em torno do projeto maior da transição agroecológica; desafio este que foi abraçado mais por atores individuais, do que se possa computar à Articulação de Agroecologia Serra-Mar.

Participaram do processo de mobilização os seguintes integrantes da AASM: Natalia Almeida Souza (Projeto Comboio/ Campanha contra o uso de Agrotóxicos), Nelson Barbosa (Associação Mico Leão Dourado-AMLD), Anselmo Nazário (SMAMA Rio das Ostras/ Centro TIÊ), Jaime Lima Franch (Centro TIÊ), Simone Dutra Motta (SMMA Casimiro de Abreu/Centro TIÊ), Tiago Michelini Barboza (SMMA Casimiro de Abreu/Centro TIÊ), Alexandre Gollo (Cooperativa CEDRO/NIA/Centro TIÊ), Sandra Helena Maia (Cooperativa CEDRO) e Michele Lau (Escola da Mata Atlântica). Neste processo foi de fundamental importância o envolvimento do Diretor do Colégio Estadual de Casimiro de Abreu, Professor Sérgio Carlos da Silva e sua equipe.

Tanto quanto enfrentar o debate sobre as induções ao uso de agrotóxicos e apresentar suas alternativas ecológicas, o movimento pela transição agroecológica tem em seus fundamentos as evidências e o senso de urgência de que a sociedade brasileira precisa reabrir a discussão sobre a Reforma Agrária; gerar no País um novo ciclo de abordagem a esta questão não resolvida, para que seja tratada de forma ampla e profunda. Não será o latifúndio, nem a agricultura química mecanizada que irão promover as ações preconizadas na transição agroecológica, tampouco ampliar os níveis e as condições de sustentabilidade – com melhorias do uso dos recursos naturais, sem comprometer as possibilidades de vida e de reprodução das gerações futuras.

As Associações de trabalhadores que se engajaram na promoção do almoço agroecológico em Casimiro de Abreu têm sua origem, sua constituição, no processo de lutas pela Reforma Agrária na região. Os Projetos de Assentamento: Visconde/ Casimiro de Abreu (1999), Cambucaes/ Silva Jardim (1995), Cantagalo/ Rio das Ostras (1987), e Aldeia Velha (1981) são exemplos de que a ampliação das bases da agricultura familiar nessa região se fez através da disputa, inconclusa, de territórios com as expressões do latifúndio e com uma parcela reacionária da sociedade fluminense.

Entre meados dos anos 1990 e 2000, diferentes atores focados em processos de desenvolvimento rural se dedicaram a trabalhos de extensão rural e de educação ambiental (Associação Mico Leão Dourado-AMLD/ Silva Jardim, Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária-IDACO, Escritórios Locais da Emater em: Silva Jardim, Araruama, Saquarema, Secretaria Municipal de Agricultura de Casimiro de Abreu, Cooperativa CEDRO, sob contrato de Assessoria Técnica, Social e Ambiental - ATES com o INCRA-RJ, Escola da Mata Atlântica, entre outras) atuando de forma centrada em comunidades e mesmo em municípios dessa região e de seu em torno, promovendo um ciclo de intercâmbio de experiências, que resultou em 2004/05 na constituição da Articulação Serra-Mar de Agroecologia.

As experiências com os sistemas agroflorestais de produção encontraram respaldo nas vivências anteriores de agricultores e de técnicos, que vinham de diferentes “escolas” de “agricultura alternativa”, como a agricultura natural, desenvolvida pela Fundação Mokiti Okada – em sua unidade de Silva Jardim; como o Grupo de Agricultura Ecológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – GAE/UFRRJ, profissionais que, partilhando saberes e experiências, promoveram espaços de formação como o Curso de Agrofloresta com Ernst Götsch, realizado pela Secretaria Municipal de Agricultura de Casimiro de Abreu, em 2005.

Ao constituir-se a Rede Estadual “Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro” já havia se mobilizado um relevante quadro de vivências e de informações sobre a agricultura familiar na região, envolvendo ainda Instituições de estudos e de pesquisas, como a UFF, a UFRRJ e a Embrapa Solos, que em determinados momentos tiveram quadros demandados para gerar documentos em processos de mediação de contendas nas dimensões fundiária e agrária, seja nos assuntos da renaturalização do rio São João, na viabilidade econômica e ambiental dos projetos de Assentamento Sebastião Lan 1 e 2, na emissão de laudo de viabilidade produtiva dos solos orgânicos destes Assentamentos, seja na elaboração de Planos de Desenvolvimento e de Recuperação para os Assentamentos de Reforma Agrária, do INCRA-RJ, na região.

Enfim, a escolha do Município Casimiro de Abreu para realizar a culminância da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro tem fundamentos em um processo rico de vivências na experimentação de sistemas de produção agroecológica, mas também na imperiosa necessidade de alertar a sociedade para os custos do abandono, pelo poder público local, desta diretriz de organização da produção, fato datado pela mudança na gestão municipal, que trouxe novamente à pauta o apoio à agricultura química, contribuindo para um vertiginoso aumento do uso de agrotóxicos e, em consequência, dos registros de intoxicação – inclusive com morte – de agricultores por esses produtos.

**Os preparativos do Ato Público: Almoço Agroecológico em Casimiro de Abreu**

Os Projetos Ambiente de Interação Agroecológica e Comboio Agroecológico disponibilizaram um montante de recursos na ordem de R$ 16.000,00 para custear todas as atividades relacionadas à divulgação, recepção, alojamento, alimentação, manifestação cultural e política durante os três dias de culminância da Caravana Agroecológica em Casimiro de Abreu. As três rotas de intercâmbio e conhecimento das realidades de superação e de enfrentamentos vivenciadas pela agricultura familiar no Rio de Janeiro contavam com recursos independentes a este valor. Um fator de motivação à elaboração desse artigo é, nesses termos, registrar e dar testemunho sobre como foi possível realizar tal empreitada nessas condições.

As “Caravaneiras” e os “Caravaneiros” chegariam ao entardecer da quinta feira, 26 de novembro de 2015, em número entre 100 a 120 pessoas; essa quantificação inicial é a base necessária para começar a elaboração do cardápio, que precisaria atender o jantar (recepção) de quinta; café, almoço, lanche e janta, na sexta; café no sábado. Para o almoço agroecológico, em praça pública, o público total foi dimensionado em 600 pessoas, sendo convidada a população da Cidade a interagir com a proposta da Caravana. O almoço em praça pública contaria com um microfone aberto, para o diálogo com a população.

Para a recepção e alojamento dos caravaneiros, a Comissão Organizadora local contou com a parceria do Colégio Estadual Casimiro de Abreu, localizado em frente a praça pública central da cidade, cuja Direção disponibilizou as instalações físicas para o evento. A cozinha com alguns ajustes pode atender bem a rotina do eventos da culminância, mas não daria conta de preparar todos os alimentos necessários para o ato público. Movia-nos também a intenção de envolver as organizações dos agricultores componentes da AASM, conforme mencionado, isso foi feito pela “contratação” de diferentes “pratos” para atender na ordem de 600 pessoas, no ato público de sábado.

Montado o cardápio para quinta e sexta feira, viu-se a necessidade de buscar produtos em outras regiões, para atender nessa primeira fase da culminância, especialmente no que se referia às hortaliças, que foram compradas de agricultores agroecológicos de Teresópolis, frutas, abóbora e galinhas caipira, que foram compradas de agricultores agroecológicos assentados em Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes. Recebemos também doações de militantes pela agroecologia e de agricultores de Casimiro de Abreu e Silva Jardim, variando de palmito e bolos, ao pó de café, que serviu para todo o evento.

Para o Almoço Agroecológico, contratamos, dos agricultores familiares, 600 “serviços” (refeições) ao custo de R$ 8,00 por almoço. Foram acionadas quatro cozinhas das seguintes localidades e com as respectivas encomendas e quantidades: Associação do Projeto de Assentamento Visconde (Casimiro de Abreu) “feijão tropeiro”, para 200 pessoas; Comunidade do Assentamento Sebastião Lan 2 (Silva Jardim) Galinhada e Vaca atolada, 100 pratos de cada; Comunidade Enseada das Andorinhas (Rio das Ostras) feijoada para 100 pessoas; e Comunidade Ribeirão (Casimiro de Abreu) cozido de legumes, para 100 pessoas.

Essas “encomendas” foram feitas considerando os pratos que esses agricultores estão acostumados a preparar nas festas, em suas respectivas comunidades; passamos a orientação de que as compras de gêneros que eles não dispusessem, deveriam ser feitas nas suas próprias comunidades; antecipadamente,

eles receberam os recursos combinados e carnês de recibos para registro das compras que viessem a fazer com vizinhos. A salada, diversificada com produtos comprados na região serrana, fortalecida com palmito doado pela Denise e Anselmo, do Sítio em Bananeiras, Silva Jardim foi servida como acompanhamento para todos os pratos; da mesma forma que o arroz.

O arroz da Culminância e do Almoço Agroecológico é um caso que merece destaque. Oriundo da produção obtida pelo Agricultor Eveli Böck (Gaúcho), em seu sítio no Assentamento Sebastião Lan 2, veio de uma área que o INCRA e a Embrapa Solos em 2010 qualificaram de imprópria à agricultura, em estudos sobre a viabilidade dos solos e do Assentamento em si, que por anos retardaram a implementação dessa área para a produção. Os serviços de beneficiamento tiveram que ser feitos em Itaperuna, no Noroeste Fluminense, pois toda a estrutura de suporte a essa lavoura, que já foi expressiva na região, fora desativada na indução de inviabilidade econômica, que serve ao cultivo da dependência e à insegurança alimentar do Estado do Rio de Janeiro.

O valor inicial, antecipado para as compras pelas quatro cozinhas, ficou então em R$4.800,00. Realizamos reunião com cada grupo, em separado, e depois com todos os grupos juntos. Tínhamos a clareza de que os valores repassados cobririam as compras iniciais, mas não o trabalho atinente a realizar as compras, preparar os alimentos, transporta-los até a praça e servi-los no dia do ato público.

Nesse contexto, fica evidenciado um fator não considerado na economia formal, que é o “valor militante”, “o valor solidário”, o custo do compromisso com a causa agroecológica. Além da oportunidade de divulgação dos respectivos produtos, de suas festas e alimentos, fixamos o valor do almoço em R$ 5,00 o prato servido e acordamos que toda a renda obtida seria para os agricultores, mediante a apresentação dos tíquetes recebidos. Essa decisão assertiva além de estimular os grupos a fazer seus pratos com qualidade contribuiu para que eles trouxessem quantidade superior àquela contratada, uma condição que foi necessária, ao que contabilizamos 750 almoços servidos.

Equacionadas as refeições, uma “quinta cozinha” e barraca de vendas foi constituída para a preparação de sucos de frutas. Essa demanda foi coordenada pela Associação Mico Leão Dourado - AMLD em conjunto com os agricultores do Projeto de Viveiristas Agroflorestais, de Silva Jardim e Casimiro de Abreu. Da mesma forma contratamos este grupo de agricultores familiares para colher e processar frutas de época nas suas localidades. Esses sucos concentrados foram trazidos para misturar com água mineral que foi doada ao evento por uma empresa de Silva Jardim. O transporte dos agricultores ficou a cargo da AMLD. O grupo recebeu R$500,00 para comprar frutas dentro dos assentamentos da região. Fixamos o valor de R$ 2,00 para cada copo de suco e toda renda ficou para o grupo de agricultores. Além de 500 copos de Suco foram vendidos 150 cocos verdes (água de coco).

Uma sexta barraca de vendas foi cedida para a comercialização da cerveja artesanal Matumbier, um empreendimento familiar de Casimiro de Abreu, que aprimorou sua qualidade com as contribuições e degustações nos eventos da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro. Todos os custos e a renda ficaram por conta do produtor.

Para maiores detalhes sobre os gastos, vale acrescentar que 1) as verduras orgânicas foram adquiridas de agricultores familiares em Teresópolis, pois na baixada não estavam com boa qualidade, custaram aproximadamente R$ 300,00, incluindo o combustível gasto no transporte; 2) foi contratada uma empresa para fornecer tendas de proteção para o ambiente na praça, ao custo de R$ 4.000,00; 3) Foi necessário adquirir para o evento na praça, copos e talheres descartáveis, sendo R$ 150,00 em copos e talheres, além de R$ 500,00 em pratos de plástico, reutilizáveis. Neste caso, pode-se considerar um investimento que fica para outros eventos. 4) Outros custos durante as compras e organização, como lanches, combustível e papelaria consumiram na faixa de R$ 400,00 e 5) contamos com um grupo de colaboradores que administrou os recursos de divulgação. Contratamos carro e moto de som na cidade, ao custo de R$ 200,00. Foram confeccionados cartazes específicos para o evento, cuja arte foi feita voluntariamente por esta equipe; que confeccionou ainda tiquetes para o almoço e para o suco, a um custo de aproximadamente R$150,00.

Em resumo utilizamos aproximadamente R$11.000,00 para realizar o Almoço Agroecológico, para um público de 700 pessoas. (algumas comeram mais de um prato). Foi a primeira ação regional/estadual do Centro Tiê de Agroecologia, somando-se aos Projetos AIA/ Comboio e à Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro; envolveu aproximadamente 30 agricultoras e agricultores na organização direta da alimentação e gerou um capital simbólico de retomada de confiança dessas famílias bem mais significativo do que o capital financeiro, que também foi gerado.

**Por que saber se alimentar é um ato político?**

A agricultura familiar que resiste no Rio de Janeiro precisa de apoio e de que a sociedade se convença que cada vez que se faz uma opção por uma solução imediata, pela “modernidade” ou pela comodidade alimentar está se contribuído para a eliminação da cultura do saber produzir, que tem sido substituída pela cultura do poder comprar.

Na culminância da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro o principal argumento para sensibilizar agricultores e moradores da cidade de Casimiro de Abreu para participarem do ato público, transformado em Almoço Agroecológico público, foi a apresentação de informações sobre o impacto que os agrotóxicos estão tendo sobre a saúde dos agricultores e dos consumidores em geral, destacando os registros de contaminação nessa Cidade. Nesse sentido tentamos fazer o almoço servir à sensibilização dos consumidores quanto a falta de apoio aos agricultores familiares que tentam produzir alimentos saudáveis a preços justos.

 Resgatamos que em Casimiro de Abreu foi formado em 2013 um Grupo de Trabalho sobre os impactos dos agrotóxicos na região da Serra-Mar. Deste Grupo participam: a Secretaria Municipal de Saúde e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Casimiro de Abreu; O CREA-RJ, O Núcleo de Defesa Vegetal do Estado; a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Rio das Ostras; a UFRJ-Campus Macaé e o Centro TIÊ de Agroecologia, que contam com o apoio da FIOCRUZ, do INCA e da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, em suas dinâmicas de estudos, registros de casos de intoxicação e denúncias. Em 2014, o GT Agrotóxicos realizou uma Conferência Regional sobre Agrotóxicos, que contou com grande participação de agricultores familiares da região; apresentando essa questão para a Sociedade.

Com esse espírito temos conseguido obter apoios, como o prestado pelo Colégio Estadual de Casimiro de Abreu  para a realização da Caravana Agroecológica (hospedagem, espaço para o Seminário e apoio ao ato público transformado em almoço agroecológico), demonstrando que nossa causa está sendo muito bem acolhida pelos setores estratégicos como a Educação.

Lamentamos que o sistema político nacional permita que a troca de uma gestão administrativa destrua o trabalho e a dedicação de anos, como ocorreu com a causa da agroecologia no município de Casimiro de Abreu, pois o custo em perda de saúde e mesmo de vidas é altíssimo, e mesmo irreparável, restando a esperança na autocrítica e a disposição para buscar novas bases de convencimento da sociedade sobre os benefícios da adesão a causa da agroecologia, encampada pelos profissionais dos campos da Saúde e do Meio Ambiente.

Nos dias atuais, perguntar se existe agricultura no Estado do Rio de Janeiro significa resgatar uma questão geopolítica e econômica, que envolve dominação e resistência em um mosaico de territórios, interconectados, para os quais é possível identificar “padrões” nos acontecimentos e nos interesses que geram a invisibilização das famílias que insistiram em permanecer com a atividade agropecuária.